

A imagem da mulher através dos implícitos no *funk* “Agora eu sou solteira”

*The image of women through the implicit in the funk song
“Agora eu sou solteira”*

Bárbara de Brito Cazumbá

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

barbricaz@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0009-0008-3038-7396>

RESUMO

Este trabalho identifica os implícitos na letra de *funk* “Agora eu sou solteira”, interpretada por Valesca Popozuda no período em que fazia parte do grupo Gaiola das Popozudas. O principal objetivo é verificar como os pressupostos e subentendidos na música contribuem para a construção da figura feminina no texto. Acredita-se que as pistas deixadas no dito e no não dito formam a imagem de uma mulher sexualmente livre e ativa em suas escolhas. Inicialmente, apresentam-se as noções de pressuposto e subentendido desenvolvidas por Ducrot (1987), que auxiliam a decifrar os possíveis sentidos e intenções de um texto a partir do momento em que se analisa não somente o que é posto. Em seguida, faz-se uma revisão teórica sobre as considerações de Maingueneau (1997) acerca do *ethos* discursivo e das noções de corporalidade e caráter do sujeito que enuncia. Por fim, analisa-se a letra com base nas teorias já mencionadas.

Palavras-chave: pressuposto; subentendido; *ethos* discursivo; *funk*.

ABSTRACT

This paper explores the implicit messages in the funk song “Agora eu sou solteira”, performed by Valesca Popozuda during her time with the group Gaiola das Popozudas. Its main objective is to examine how the song’s assumptions and implications contribute to shaping the portrayal of women in the text. These underlying messages are identified both in what is explicitly stated and in what is left unsaid, ultimately constructing an image of a woman who is sexually liberated and active in making her choices. The paper begins with presenting the concepts of presupposition and implication as defined by Ducrot (1987), which help to uncover the potential meanings and intentions of a text beyond its direct statements. It then provides a theoretical review of Maingueneau’s (1997) ideas on discursive *ethos*, along with his views on the corporeality and character of the speaking subject. Finally, the lyrics are analysed through the lens of these theoretical frameworks.

Keywords: presupposition; implication; discursive *ethos*; funk.

INTRODUÇÃO

A leitura de um texto não deve se concentrar somente nas palavras em sua superfície, mas também nos outros enunciados que tais palavras trazem. A interpretação constitui-se, dessa forma, em uma soma entre o que está explícito e o que está implícito e é justamente a falta desse somatório no momento da interpretação que ocasiona a dificuldade no entendimento de uma obra.

Cabe destacar que o problema de interpretação não se situa apenas na materialidade escrita: diversos são os mal-entendidos que ocorrem na leitura de uma imagem, na audição de uma música e no recebimento de uma notícia televisiva. Assim, vê-se que o ruído está nas diversas formas de comunicação.

Para se minimizar as falhas interpretativas, o sujeito destinatário da mensagem necessita preencher lacunas que são deixadas na malha textual. Aquilo que é dito traz informações importantes, mas o não dito contribui também para a totalidade do texto. Essas lacunas serão preenchidas pelo interlocutor a partir do seu entendimento de mundo e pela visão que detém do locutor. Dessa forma, percebe-se que a construção de sentido de um texto pelo sujeito destinatário parte também de fatores extralinguísticos e, portanto, culturais.

Compreendendo as letras de músicas como representantes da cultura de uma sociedade, quando observamos que o gênero musical *funk* tem seu desenvolvimento primordial nas periferias cariocas e, por isso, é um gênero que está à margem, entendemos o preconceito que sofre por grande parte da elite e centro do Rio de Janeiro. Ao interpretar uma letra de *funk*, esses sujeitos destinatários partem da visão que estabelecem desses locutores. Sendo opostos a eles por uma questão de territorialidade (centro x periferia), uma questão econômica (ricos x pobres) e uma questão racial (brancos x pretos) passa-se a desprezar nos funkeiros características que são contrárias aos habitantes do centro e pertencentes à elite. Ao pensarmos em uma letra de *funk* cantada por uma mulher, além da questão de territorialidade, economia e raça, soma-se a questão de gênero.

Nessa perspectiva, esse trabalho propõe a análise da letra de *funk* “Agora eu sou solteira”, cantada por Valesca Popozuda, verificando como os implícitos da letra contribuem para a formação da imagem dessa mulher funkeira. Para isso, será realizada uma revisão teórica acerca do pressuposto e do subentendido à luz do estudo de Ducrot e

uma revisão sobre o *ethos* discursivo a partir da perspectiva de Maingueneau. Busca-se, com esse estudo, compreender quem são essas mulheres e como elas se apresentam.

PRESSUPOSTO E SUBENTENDIDO

A construção de sentido de um texto não depende somente das palavras que estão em sua superfície, mas dos outros enunciados que o conjunto de palavras do texto traz implicitamente. Em um encontro casual entre duas pessoas, por exemplo, onde o sujeito A diz “Parou de fumar?” ao sujeito B, podemos concluir que o sujeito B era adicto em cigarro. Essa informação não está posta, porém é subjacente ao enunciado. Pode-se afirmar, então, que a descrição semântica de uma língua L consiste em “um conjunto de conhecimentos que permitem prever, frente a um enunciado [frase] A de L, produzido em circunstâncias X, o sentido que esta ocorrência de A tomou neste contexto” (Ducrot, 1987, p. 14).

Vê-se, dessa forma, que um enunciado pode ser desvendado com o auxílio das pistas que o texto oferece. O sentido explícito é apenas uma das camadas de significação – de maior pertinência comunicativa – que apresenta pistas para se alcançar o conteúdo implícito. Este, por sua vez, não é, inicialmente, o verdadeiro objeto do dizer. (Kerbrat-Orecchioni, 1986 *apud* Rebello, 2015, p. 468).

Ducrot (1987), ao abordar a semântica na questão da linguagem, divide os implícitos em pressupostos e subentendidos. De acordo com o linguista francês, a pressuposição é um elemento que está presente no conteúdo dos enunciados. Isso significa que o pressuposto está no léxico e é acessado a partir do que é posto. O destinatário da mensagem percebe o pressuposto através de expressões ou palavras contidas na frase.

A pressuposição está presente no enunciado, apresentando relação com os aspectos sintáticos da interrogação e da negação. Sobre a negação, Ilari (2001, p. 85) afirma:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. [...] Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo (Ilari, 2001, p. 85).

Assim, a frase “Parou de fumar?” mantém ainda o pressuposto ao ser transformada em “Não parou de fumar?”. Por ser uma frase já em forma interrogativa, pode-se constatar que o mesmo conteúdo em uma frase assertiva também traz a mesma pressuposição: “Ele parou de fumar”.

Outra forma de reconhecer um pressuposto é pelo critério da subordinação. Um enunciado que contém pressuposto é sempre passível a um encadeamento de ideias, como em “Parou de fumar ainda que sem auxílio?”, que relaciona a adicção do sujeito à dificuldade que teve em largar o cigarro.

Deve-se destacar que a pressuposição só ocorre quando o enunciador e o destinatário partilham de um mesmo contexto, ou seja, a pressuposição é construída socialmente e é uma informação verdadeira trazida antes do enunciador transmitir a mensagem. Retomando o exemplo “Parou de fumar?”, o sujeito A só pode produzir esse texto se ele detiver o conhecimento de que o sujeito B tinha o hábito de fumar e, da mesma forma, o sujeito B só pode ser destinatário ideal desse texto se ele realmente fosse adicto em cigarro. Caso essas informações não sejam partilhadas entre ambos, o enunciado perde seu sentido. Portanto, o pressuposto é um mecanismo semântico realizado em conjunto.

Já o subentendido não está precisamente no enunciado, pois refere-se à forma pela qual o sujeito interpretante decifra e dá sentido ao texto. Com as informações presentes no enunciado, o destinatário chega a uma determinada conclusão a partir de um raciocínio lógico. Se o sujeito B responde “Sim” à pergunta “Parou de fumar?”, o sujeito A pode subentender que o sujeito B procurou auxílio psicológico para acabar com sua adicção, da mesma forma que o sujeito B pode subentender, com a pergunta, que o sujeito A achava que ele não seria capaz de deixar de fumar.

De acordo com Ducrot (1987, p. 25),

O subentendido, ao contrário, resulta de uma reflexão do destinatário sobre as circunstâncias de enunciação da mensagem e deve ser captado, através da descrição linguística, ao final de um processo totalmente diferente, que leve em conta, ao mesmo tempo, o sentido do enunciado e suas condições de ocorrência e lhes aplique leis lógicas e psicológicas gerais.

O subentendido não está marcado na frase como o pressuposto, sendo, portanto, um fato da retórica ligado à enunciação. Para acessá-lo, é necessário que o destinatário faça uma reflexão lógica através de questionamentos do tipo: “Por que o locutor disse o que disse?” ou “O que tornou possível a sua fala?” (Ducrot, 1987, p. 32).

Assim, enquanto a pressuposição é construída socialmente, a partir de um contexto partilhado entre os interlocutores, o subentendido é construído individualmente pela interpretação do destinatário da mensagem. O pressuposto aparece como um fato e, portanto, é indiscutível; o subentendido aparece como uma suposição. Ducrot (1987, p. 20) sistematiza bem a diferença entre esses elementos semânticos:

Se o posto é o que afirmo, enquanto locutor, se o subentendido é o que deixo meu ouvinte concluir, o pressuposto é o que apresento como pertencendo ao domínio comum das duas personagens do diálogo, como o objeto de uma cumplicidade fundamental que liga entre si os participantes do ato de comunicação.

Vê-se, dessa forma, que o pressuposto está relacionado ao *nós*, comunitário, enquanto o subentendido relaciona-se ao *eu*, individual.

Ainda que diferentes, a pressuposição e o subentendido têm um ponto em comum: ambas as categorias semânticas permitem que o enunciador se retire de sua fala. Na pressuposição, o apagamento da informação evita que ele retome um assunto já partilhado pelos participantes, colocando a informação pressuposta à margem do discurso. No subentendido, o enunciador faz com que o destinatário chegue a conclusões lógicas sem que seja necessário que ele mesmo, enquanto enunciador, afirme essas conclusões. Conforme Ducrot (1987, p. 43), “esse processo que ilustra o subentendido: para dizer alguma coisa, faz-se o outro dizer o que se disse”.

Quando estudamos as noções de pressuposto e subentendido, compreendemos a importância em se ler nas entrelinhas, já que esses mecanismos são indispensáveis para a exploração ampla da língua durante a interpretação de um texto.

Ainda que se retire de sua fala quando faz uso dos implícitos, ao produzir um texto o enunciador apresenta-se ainda que sem intenção de se apresentar, isto é, o texto traz uma imagem do enunciador ainda que ele não busque conscientemente construir uma figura de si mesmo ao falar. Essa imagem aparece na forma como ele se porta frente ao sujeito interpretante e no que ele enuncia ou não (explícitos e implícitos). Quando abordamos imagem, deparamo-nos com o conceito de *ethos* discursivo. A seguir, apresenta-se um pouco esse conceito, sob os estudos de Maingueneau.

O *ETHOS* DISCURSIVO

Na contemporaneidade, a ideia de *ethos* foi retomada pela Análise do Discurso (AD), ainda mantendo a concepção aristotélica de que ele é observado na aparência do

dito do enunciador, existindo no momento de produção do discurso e, dessa forma, não corresponde ao sujeito comunicante antes de sua atividade oratória.

Se na Retórica Clássica o *ethos* era considerado apenas em textos jurídicos ou em enunciados orais, na concepção de *ethos* trazida pela Análise do Discurso esse conceito está presente em qualquer discurso, oral ou escrito. Ademais, diferentemente da imagem produzida de forma voluntária pelo orador na teoria retórica aristotélica, para a AD o *ethos* consiste na personalidade que o sujeito enunciador apresenta no momento de enunciação, conscientemente ou não. Maingueneau assim esclarece essa visão involuntária do enunciador em relação à construção do *ethos*:

Em primeiro lugar, precisa afastar qualquer preocupação “psicologizante” e “voluntarista”, de acordo com a qual o enunciador, à semelhança do autor, desempenharia o papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir sobre seu auditório. Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva (Maingueneau, 1997, p. 45).

Pela citação do linguista, vê-se que a formação ideológica estabelecida no contexto sócio-histórico interfere diretamente na forma como o sujeito se apresenta em seu enunciado, isto é, as ideias socialmente construídas do ato comunicativo em que o enunciador está inserido incidem no que deve ou não ser dito em determinado ato comunicativo. Essas informações externas aos parceiros da troca discursiva que caracterizam o enunciador e podem ser observadas no enunciado são denominadas de *tom*.

O tom atribui autoridade ao enunciador e permite a construção de uma *corporalidade* e um *caráter* do sujeito que enuncia. Segundo Maingueneau (1997), o caráter corresponde a um conjunto de traços psicológicos que o sujeito interpretante associa ao enunciador a partir da forma como ele enuncia. Já a corporalidade é a construção mental de um corpo para esse enunciador, assim como a construção de suas vestes e da forma como se movimenta no espaço social. Esse corpo e esse caráter são construídos a partir de convenções culturais que circundam ambos os participantes.

O caráter de adesão do interlocutor ao texto emitido pelo enunciador depende da corporalidade e caráter transmitidos no enunciado. Isso significa que a imagem do locutor influencia na relação estabelecida entre sujeito comunicante e sujeito interpretante na comunicação.

O texto não se destina a ser contemplado, configurando-se como enunciação dirigida a um co-enunciador que é preciso mobilizar, fazê-lo aderir "fisicamente" a um determinado universo de sentido. O poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados (MAINGUENEAU, 2004, p. 99).

Ao captar os traços psicológicos e o corpo do enunciador, o destinatário retribui outra imagem a partir do que foi assimilado. Esse processo é denominado de *incorporação*: o contexto sócio-histórico institui um corpo textual ao enunciador e ao destinatário e essa corporalidade permite que os sujeitos participantes assimilem (incorporem) uma dada forma de ocupar a sociedade. O *ethos*, então, constitui os corpos textuais finais que aparecem nesse jogo de apresentações e interpretação.

É preciso reconhecer que nem sempre o *ethos* é montado no momento da enunciação, já que o interlocutor, muitas vezes, já atribui uma corporalidade textual e um caráter ao locutor antes desse locutor formatar seu discurso. Isso significa que a imagem do enunciador constrói-se, muitas vezes, com base em estereótipos, imagens sociais já prontas de grupos de indivíduos, que ao pronunciarem seus enunciados estão sempre pondo em xeque a cena já instalada na memória coletiva. Existe, portanto, uma relação entre um *ethos pré-discursivo* e o *ethos* que aparece no enunciado, um *ethos discursivo*. Este é construído no momento de enunciação, a partir dos gestos, atitudes, voz e postura do enunciador, além do gênero textual utilizado e do contexto em que os parceiros estão inseridos. Já o *ethos pré-discursivo* é formado a partir do conhecimento prévio sobre o gênero a ser utilizado e sobre a personalidade e ideologia do locutor. O *ethos discursivo* desmembra-se em *ethos mostrado*, que ocorre quando o enunciador formula seu enunciado sem se incluir em seu discurso, e em *ethos dito*, em que o sujeito se refere a si mesmo no seu discurso - o enunciador abre espaço no enunciado para citar-se. O resultado da união desses *ethé* (pré-discursivo e discursivo) constitui o *ethos efetivo*.

Dessa forma, vê-se que, para Maingueneau, o estudo do *ethos* parte, primeiro, de um estudo do *ethos pré-discursivo* para que seja apreendido o caráter do sujeito enunciador. Após, constrói-se a corporalidade desse enunciador a partir das marcas deixadas no enunciado proferido.

A seguir parte-se para a análise da letra de *funk* cantada por Valesca Popozuda, na busca por traçar o *ethos* feminino da locutora nesse texto.

ANÁLISE DA LETRA

Para a análise, foi escolhida a letra “Agora eu sou solteira” por ter marcado a carreira de Valesca Popozuda, destacando o grupo Gaiola das Popozudas (do qual Valesca fazia parte) no cenário do mundo *funk*. Optou-se pela análise de uma música de Valesca por ela ser uma das maiores representantes do *funk* cantado por mulheres, tornando-se até tema de dissertação.¹ A letra foi colhida no site Letras.Mus, no dia 12 de dezembro de 2019. A seguir, leia a letra em sua íntegra:

Agora eu sou solteira – Gaiola das Popozudas

Eu vou pro baile de sainha
Agora eu sou solteira
E ninguém vai me segurar!
Daquele jeito!
De, de sainha
Daquele jeito
(Eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu)
Eu vou pro baile procurar o meu negão
Vou subir no palco ao som do tamborzão
Sou cachorrone mesmo
E late que eu vou passar
Agora eu sou solteira
E ninguém vai me segurar
DJ aumenta o som
Que eu já tô de sainha
Daquele jeito!
De, de sainha!
No local do pega pega
Eu esculacho a tua mina
No completo, no mirante

¹ Em 2013, Valesca Popozuda aparece representando a resistência das mulheres do mundo *funk* na dissertação de Mariana Caetano, intitulada “My Pussy é o poder: A representação feminina através do funk no Rio de Janeiro: Identidade, feminismo e indústria cultural”.

Ou no muro da esquina
Na primeira tu já cansa
E eu não vou falar de novo
Ai que homem gostoso
Vem que vem, quero de novo
Gaiola das Popozudas
Agora fala pra você
Se elas brincam com a xaninha
Eu faço o homem enlouquecer
De, de sainha!
De, de sainha!

Iniciemos a análise de alguns versos:

1. Eu vou pro baile, eu vou pro baile, de sainha
2. Agora eu sou solteira e ninguém vai me segurar

No começo do texto, constata-se a presença de um locutor bem marcado dentro de seu enunciado pela aparição três vezes do pronome “eu”. Pela adjetivação (solteira), conseguimos identificar que esse sujeito enunciadador é do gênero feminino. Esse sujeito pratica ações e não faz nenhuma referência, até então, ao interlocutor com quem conversa. Dessa forma, o enunciado está centrado na própria enunciadora enquanto o interlocutor aparece como um mero ouvinte do relato. Vê-se, então, a presença de um *ethos* dito, já que a enunciadora se apresenta em seu texto.

Dos enunciados 1 e 2, depreendem-se os seguintes pressupostos (P):

- P1 Ela ainda não estava no baile.
P2 Antes ela era comprometida.
P3 Ela não era livre.

Observe que os pressupostos aparecem como anteriores ao momento da enunciação. No primeiro enunciado, o fato de a enunciadora empregar o verbo “ir”, que indica movimento, no presente, contrapõe-se ao local onde a enunciadora está no momento de proferir seu texto: ela vai ao baile, mas ainda não está lá. No segundo enunciado, ao trazer o advérbio “agora”, é feita uma oposição ao antes e, por isso podemos pressupor que se agora ela está solteira, antes ela estava comprometida. Ademais, ao fazer uso do pronome indefinido de sentido negativo “ninguém”, há uma contraposição com o pronome indefinido de sentido positivo “alguém” e, por isso,

podemos afirmar que alguém a segurava antes, ou seja, ela tinha a liberdade cerceada por uma pessoa.

O subentendido (S) é uma construção semântica realizada pelo receptor da mensagem a partir de uma lógica semântico-discursiva. Com as informações postas nesses dois enunciados, subentende-se que:

S1 Ela quer encontrar um sexo casual, por isso está de sainha.

S2 Ela não era feliz nesse relacionamento, pois se sentia prisioneira.

S3 Ela vai voltar tarde para casa ou talvez nem volte, pois não há ninguém para segurá-la.

A minissaia, criada por André Courrèges, surge na moda parisiense no século XX e transforma-se em símbolo de libertação sexual da mulher. Quando a enunciadora afirma que vai de sainha para o baile, subentende-se que ela explorará sua sexualidade na festa.

Se, ao terminar o relacionamento, uma pessoa vai ao baile, isso pode demonstrar que ela está feliz com o término. Assim, por uma construção lógica, se ela está feliz agora que está solteira, antes ela era infeliz no relacionamento.

Como não há mais ninguém para segurá-la, para frear a sua liberdade, ela pode permanecer até tarde no baile. Portanto, ela poderá voltar tarde para casa ou não voltar.

Já nesses dois primeiros enunciados conseguimos depreender um traço do caráter dessa enunciadora: ela é uma pessoa em busca de sua independência.

Observemos agora os seguintes versos:

3. Eu vou pro baile procurar o meu negão.

4. Vou subir no palco ao som do tamborzão.

Desses enunciados, consegue-se depreender os seguintes pressupostos:

P1 Ela ainda não estava no baile.

P2 Ela não namora um homem negro.

P3 Ela está na pista.

O primeiro pressuposto já foi debatido anteriormente. Nessa nova aparição, a expressão “Eu vou pro baile” reforça a ideia de que ela ainda não está no baile.

O segundo pressuposto é verificado a partir da palavra “procurar”. Como a enunciadora não tem um namorado negro, ela vai procurá-lo no baile.

Já o terceiro pressuposto é depreendido da palavra “subir”: se ela ainda vai subir ao palco, significa que ela está embaixo, ou seja, na pista.

Em ambos os versos, vemos o “eu” como sujeito da oração na voz ativa. A mulher é quem, por vontade própria, decide sair de casa e ir ao baile e procurar um parceiro para se relacionar.

Pelo que está posto nesses dois enunciados, subentende-se que:

S1 Ela quer se relacionar com um homem negro porque ele é ideal para o sexo casual.

S2 Ela desejou subir ao palco para ter mais amplitude de visão ao procurar o negão.

Subentende-se que a busca dela pelo homem negro é para o sexo casual porque já havíamos subentendido que, por ela estar de sainha, ela queria transar com alguém que encontraria no baile. Sendo assim, um subentendido leva a outro na trama textual. Da mesma forma, se a enunciadora afirma que vai ao baile procurar o negão, subentende-se que ela subirá ao palco para encontrá-lo mais facilmente.

Se nos dois primeiros enunciados, a enunciadora apresenta um *ethos* independente, aqui ela associa essa independência à libertação sexual feminina, na qual ela é quem escolherá seu parceiro.

Nos próximos enunciados, a ideia de liberdade sexual é reafirmada:

5. Sou cachorroneira mesmo.

6. E late que eu vou passar

Depreendem-se os seguintes pressupostos:

P1 Ela é livre sexualmente.

P2 Alguém está com raiva dela.

A primeira pressuposição só é realizada a partir do conhecimento da gíria “cachorroneira”, utilizada nas letras de funk no início da década de 2010. Essa gíria significa, de acordo com o Dicionário Informal Online, uma mulher que se diverte e possui vários parceiros sexuais. Assim, quando afirma que é cachorroneira mesmo, a locutora confirma que após o rompimento de seu relacionamento, ela pode se relacionar com quem quiser nos bailes, afinal, ela é cachorroneira mesmo. Desse mesmo enunciado, subentende-se que:

S1 Alguém a chamou de cachorra, por isso ela afirma que é cachorroneira mesmo.

S2 Por ser cachorroneira, ela pode procurar um negão no baile.

No enunciado 6, só se entende que ela desperta raiva em alguém por conhecer a gíria “late”, também utilizada no funk carioca nesse mesmo período. Essa gíria, segundo o Dicionário Informal Online, significa gritar. Desse enunciado, pode ser depreendido o seguinte subentendido:

S1 A liberdade sexual feminina não é um comportamento esperado e isso provoca raiva.

Dessa forma, verifica-se que o comportamento da enunciadora foge aos padrões. Na luta por independência e liberdade, ela encontra barreiras impostas socialmente que julgam suas atitudes.

7. DJ aumenta o som

8. Eu já tô de sainha

Dos enunciados acima, analisamos uma relação de causa e efeito: ela pede para o DJ aumentar o som porque já está de saia curta. Podemos verificar os seguintes pressupostos:

P1 O som estava baixo.

P2 Antes ela não estava de saia.

No enunciado 7, o pedido feito ao DJ para que ele aumente o som nos leva a entender que o som estava baixo antes de ser realizado o pedido. No enunciado 8, o advérbio de tempo “já” denota uma ação conclusiva que remete a um estado anterior. Assim, ela já está de sainha porque já colocou a saia, elemento que não a vestia anteriormente.

Com o uso do imperativo em seu enunciado direcionado ao DJ, a interlocutora apresenta um *ethos* de caráter autoritário. Se ela tem a capacidade de ordenar o DJ a tomar determinada atitude, podemos considerar que ela é alguém importante dentro da cena dos bailes funks, pois o DJ é um dos pilares principais para a ocorrência dessas festas.

Dos enunciados 7 e 8, subentende-se que:

S1 O som baixo não traz animação para a pista, por isso era necessário aumentá-lo.

S2 Como ela já está de sainha, a festa pode ficar mais animada.

S3 Ela deseja que a festa fique mais animada porque ela busca um sexo casual.

A informação subentendida 3 só pode ser considerada a partir da informação subentendida 1 do enunciado 1, pois é a relação entre usar saia e buscar um sexo casual que permite o entendimento da necessidade de uma festa mais animada. Dessa forma, os implícitos subentendidos formam uma teia interpretativa ao longo do texto, cujas informações somam-se na construção do sentido global.

Vejamos o próximo enunciado:

9. No local do pega pega eu esculacho tua mina

Desse enunciado, são depreendidos os seguintes pressupostos:

P1 Existem locais que não são destinados ao sexo.

P2 A mina é comprometida com o receptor dessa mensagem.

A pressuposição P1 pode ser encontrada a partir da demarcação de um local para o “pega pega”, isto é, para o sexo. Se existe um local destinado ao sexo, isso significa que há locais que não são destinados a essa prática.

Já na pressuposição P2, sabe-se que a “mina” a quem se faz referência no enunciado é comprometida com o receptor da mensagem, pois foi utilizado o pronome possessivo “tua” à frente desse substantivo.

Ainda nesse enunciado, subentende-se que:

S1 A enunciadora frequenta o local do pega pega, por isso ela o conhece.

S2 A mina não tem um bom desempenho no sexo, por isso a enunciadora a “esculacha”.

S3 A enunciadora costuma ficar com homens comprometidos, por isso fala tranquilamente que deseja “esculachar” no sexo a namorada do interlocutor.

No enunciado 9, a locutora assume um *ethos* de sedução, ao tentar convencer o receptor da mensagem de que ela é boa no sexo. Também apresenta um caráter de inconfiabilidade, já que busca se relacionar com alguém comprometido.

10. Eu não vou falar de novo.

11. Ai que homem gostoso vem que vem quero de novo.

Observando os enunciados 10 e 11, encontramos os seguintes pressupostos:

P1 Algo já foi dito antes.

P2 Ela já teve uma relação com tal homem gostoso.

Esses pressupostos sugerem a repetição de uma ação que já havia ocorrido. A marca linguística que aponta para essa recorrência é a expressão “de novo”, que aparece em ambos os enunciados. A partir do que está posto no enunciado 10 e 11 e das interpretações que até então realizamos, alcançamos os seguintes subentendidos:

S1 Ela já vem insistindo para transar mais uma vez com o mesmo homem, por isso não quer ter de insistir novamente.

S2 O homem gostoso não quer transar novamente com ela, por isso ela está insistindo.

S3 O homem gostoso já está cansado desde a primeira vez que transaram, por isso não quer transar de novo.

S4 O homem gostoso não quer transar de novo com ela porque ele é comprometido.

A interpretação desses dois enunciados reforça *ethos* de sedução e de autoridade, ao vermos que ela busca se relacionar sexualmente com alguém sem querer ter de insistir mais uma vez, ou seja, ela quer ter sua vontade prontamente atendida. Se relacionarmos esse homem gostoso ao homem comprometido que aparece no enunciado 9, há a retomada

do caráter de inconfiabilidade da enunciativa, pois ela insiste em se relacionar com um homem comprometido.

Por fim, a locutora enuncia:

12. Se elas brincam com a xaninha eu faço o homem enlouquecer.

Desse enunciado, veem-se os seguintes pressupostos:

P1 Ela não tem o hábito de brincar com a xaninha.

P2 Outras mulheres não fazem o homem enlouquecer.

Apesar de ter a estrutura de uma oração subordinada adverbial condicional, a primeira oração do enunciado 12 tem valor agregado de uma oração temporal. Essa possibilidade ocorre pelo uso do verbo “brincam” no presente, que implica um caráter habitual² e a certeza da enunciativa frente ao conteúdo do enunciado. Esse valor temporal é facilmente comprovado quando trocamos a conjunção “se” pela conjunção “quando” ou pela conjunção “enquanto”. Assim, “elas” têm o hábito de “brincar com a xaninha”, expressão que se refere à masturbação feminina. Sendo o “elas” oposto ao “eu” nesse enunciado, pressupõe-se que a enunciativa não detém tal hábito. Por conseguinte, vê-se a rotina da enunciativa na oração principal: fazer o homem enlouquecer. Como há a oposição entre “elas” e “eu”, as outras não enlouquecem o homem. As outras mulheres se masturbam enquanto a locutora está preocupada em satisfazer sexualmente os parceiros delas.

Mais uma vez, há a presença do *ethos* de sedução, pois a enunciativa coloca-se no papel de enlouquecer os homens, sendo objeto de desejo masculino.

A partir da interpretação dos elementos postos e implícitos, conseguimos traçar o caráter dessa enunciativa: ela é uma autoridade nos bailes funks e busca exercer essa autoridade com os parceiros com quem se relaciona; é sensual, livre sexualmente e não confiável, já que se interessa por homens comprometidos; é segura para se apresentar como alguém experiente no sexo e capaz de atrair quem quiser.

Com o nosso conhecimento de mundo e pelas marcas textuais, também conseguimos traçar um corpo para essa enunciativa: está dentro dos padrões de beleza, pois se sente confortável para usar minissaia e dar a iniciativa na conquista. Assim, ela é uma pessoa magra, branca e tem cabelo comprido.

² Hirata- Vale (2005) aponta essa proximidade entre as orações temporais e as condicionais em sua tese denominada “A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou o implícito da letra de funk “Agora eu sou solteira”, com o propósito de verificar como a imagem da mulher é construída a partir do que não está posto.

Viu-se que os pressupostos e subentendidos trazem informações que contribuem para entendermos melhor quem é essa mulher que frequenta os bailes funks. É importante lembrarmos que essa letra foi um destaque na carreira de Valesca Popozuda dentro do grupo Gaiola das Popozudas, o que significa que a mensagem transmitida teve grande adesão dos amantes do funk carioca. Assim, pode-se inferir que houve identificação entre a enunciativa do texto e os sujeitos interpretantes.

Na letra, a enunciativa apresenta-se em seu próprio texto, relatando ações a serem desenvolvidas por ela no baile funk. Essas ações demonstram um *ethos* de independência e liberdade sexual, na busca pelo prazer feminino, além de um *ethos* de autoridade e de segurança. Em conformidade com o sucesso dessa música, a presença desse *ethos* aponta para a nova realidade da mulher carioca: elas querem ter essa autonomia.

Ao interpretar um texto identificando seus sentidos não literais, o leitor passa à condição de leitor crítico, que realmente analisa o que lê, tornando-se um participante ativo no processo de leitura. Praticando esse exercício na letra, correlacionamos mais profundamente as informações. Dessa forma, a análise do pressuposto e subentendido de um texto permite maior reflexão sobre o que está sendo enunciado. Vale apontar, ainda, que nos enunciados estudados podem ser encontrados outros subentendidos, já que ele aparece de acordo com as experiências de cada receptor.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

DUCROT, Oswald. *Pressupostos e subentendidos: a hipótese de uma semântica lingüística*. Pressupostos e subentendidos (reexame). In: *O dizer e o dito*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

GAIOLA DAS POPOZUDAS. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/gaiola-das-popozudas/1078678/>> Acesso em: 12 dez. 2019.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1997.

REBELLO, Ilana. *O texto e suas múltiplas possibilidades de leitura: pressupostos e subentendidos*. In: *Linguagem, teoria, análise e aplicações* (8). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras/ UERJ, 2015.

ZANDWAIS, Ana. *Estratégias de leitura: como decodificar sentidos não-literais na linguagem verbal*. Porto Alegre. Sagra, 1990.

Recebido em: 27/05/2024

Aceito em: 21/10/2024

Bárbara Cazumbá: doutora em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde também concluiu o mestrado em Língua Portuguesa (2017) e cursou a graduação em Letras Português-Literaturas (2014). Obteve título de especialista em Políticas Públicas de Enfrentamento à Violência contra a Mulher pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2018. Professora das redes públicas municipais de Niterói e Duque de Caxias. Tem interesse na área de Análise do Discurso, com ênfase na Semiologia.